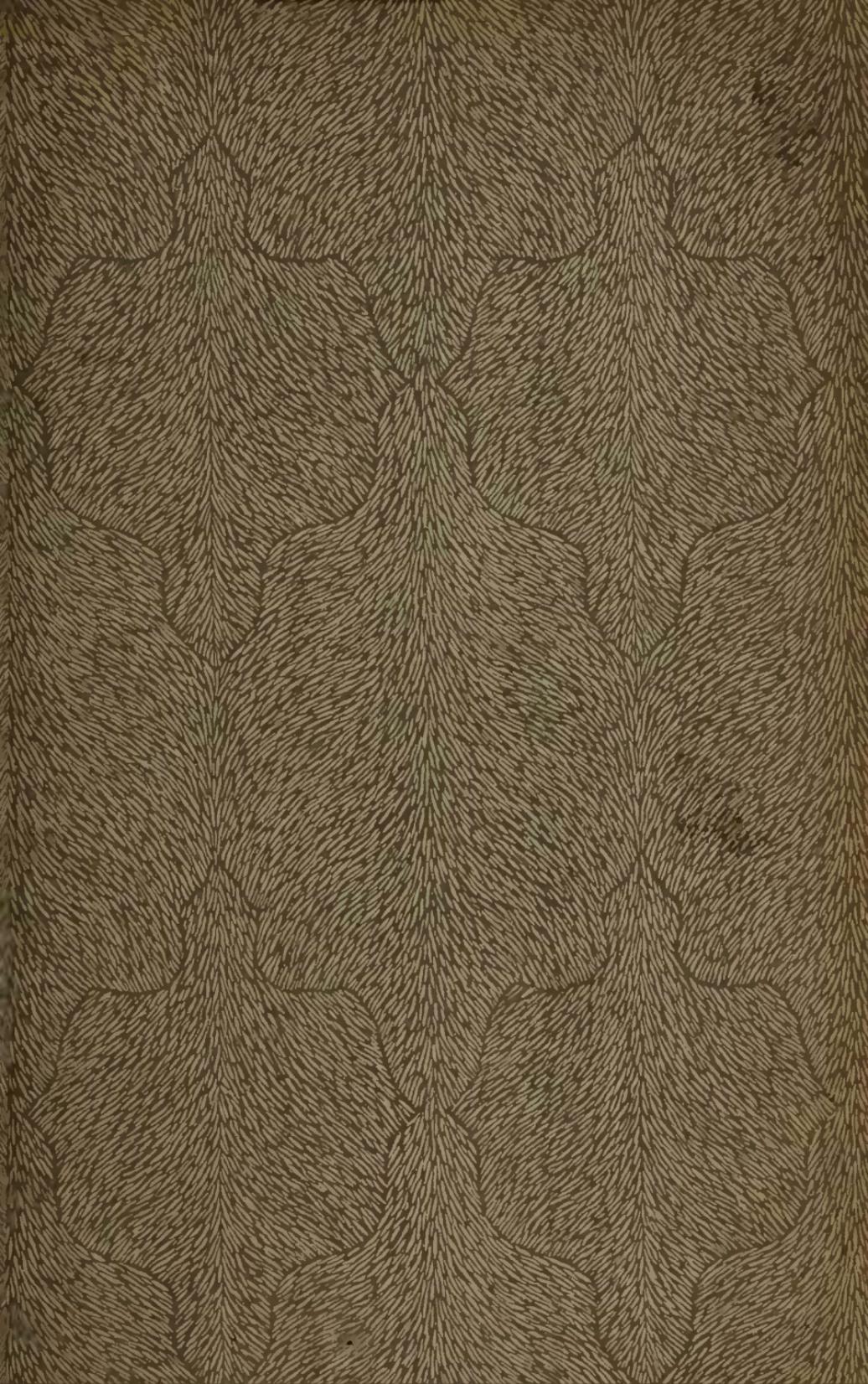




le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



RAYMUNDO CORRÊA

PRIMEIROS SONHOS

(POESIAS LYRICAS)

SÃO PAULO

1879

A. M^{me} São D. Cárdeado
Guimarães, graças signal
da estirpa do

author

PRIMEIROS SONHOS

Typ. da TRIBUNA LIBERAL — Largo de Palacio n. 2.

PRIMEIROS SONHOS

POESIAS

DE

RAYMUNDO M. A. CORRÊA

NATURAL DO MARANHÃO

Estudante da Faculdade de Direito de S. Paulo

SÃO PAULO

1879

*Meus versos são suspiros de minh'alma
Sem outra lei, que o interno sentimento.*

(G. MAGALHÃES.)

Primicias dos verdes annos, pouco experientes e em que não têm ainda as idéas o logar, que depois lhes dá o estudo e a lição accurada dos bons livros, merecem de certo os meus — PRIMEIROS SONHOS — a benevolencia daquelles, que os lerem.

Não têm as vestes opulentas da musa civilisada, mas tambem não os chegou a bafejar o halito corroente do mundo com suas duvidas, seus sarcasmos e sua indifferença.

Ahi vão elles medrosos e vacillantes, com o aca-nhamento dos primeiros passos e sem os apadrinhar sequer um nome de vulto, para os amparar e lhes amenisar as agruras do curto caminho, que devem percorrer.

Bafeje-os no menos o favor dos que sabem fazer melhor, que vae n'isso generosidade, que tão bem casa nos que têm fôro de cidade nos arraiaes litterarios.

A' MEMORIA SAUDOSISSIMA DE MINHA MAE

À MEU PAE

Pensava em vós nas horas de tristeza
Quando estes versos pallido compuz !

(F. VARELLA.)



Ha d'este livro, que ides lêr, nas paginas,
 Ou tristes, ou risonhos,
Os quadros mal traçados, mas veridicos
 Dos meus primeiros sonhos.
Não m'os inspira o mundo — orbita escura
 De hiantes precipicios,
Enigma que enlouquece, pandemonio,
 Catastrophe de vicios
E de ambições tantalicas. Hippocrita,
 Que apunhala, que enrêda,
E mostra sempre junto honra o escarneo,
 Junto ao fastigio — a queda...
Calcinação das almas, que as comprime
 Na garra aspera, adünca...
O mundo que eu conheço e que detesto
 Nunca me inspira, nunca !...
Sómente inspiram-me esses pobres versos,
 Deus, o amor, a familia,
É a paz nas solidões onde sem mascara
 A natureza brilha.
Oh ! natureza ! a ti se erguem meus canticos
 Estou na flor da idade —
Abriram-se os portaes resplandecentes
 Da minha mocidade,
E minh'alma febril da ardente quadra
 O clarão reverbera...
Aves ! saudae as limpidas auroras
 Da minha primavera !

Florestas virgens, gigantescas arvores,
 Torrentes chrystallinas,
Rócio celeste a scintillar nos calices
 Das humidas boninas,
Luz indecisa do cahir da noite,
 Do levantar do dia,
Intermittentes auras, sons monótonos
 De catadupa fria...
Tremei, sorri, brilhae, erguei mil canticos
 Estou na flor da idade !
Abriram-se os portaes resplandecentes
 Da minha mocidade !
Sou moço ! No meu peito não germina
 A flor dos desenganos,
De sonhos se enche o paramo estrellado
 Dos meus descnove annos !
Sei sentir ! Sei sonhar ! Ha notas férvidas
 Na minha lyra rude,
São as flores sylvestres de minh'alma,
 Rosas da juventude,
Que, mal se abrem, do mundo são levadas
 Nos vórtices medonhos...

Eis o meu livro — pallido simulacro
 Dos meus primeiros sonhos.

Idyllios

I

Renasce o dia ! a varzea
Marcheta-se de flor —
Pelo pomar fructifero
Balsamo, luz, frescor...

Sobem ao ether placido
Os hymnos do arrebol,
Tornam-se as nuvens pallidas
Roxas á luz do sol.

Vôam, no brejo, querulas
Brisas a latejar,
Roça a gaivota candida
Co'a ponta d'asa o mar...

Do céo co'as cores tinge-se
O lago verde-azul —
Alma fragrancia o zephyro
Traz dos vergeis do Sul

Do mar a onda turgida
O pescador rompeu,
Pulando a escuma frigida
Borrifa o rosto seu.

Eu vejo alem... nos paranos
Um ponto a se perder,
E' um batel que some-se
P'ra nunca mais se ver...

Deriva o rio do vertice
Da serraia, lá...
Desata o canto melico
Melliflvo sabiá.

As folhas brilham, córam-se
Os bagos do café;
De moça um labio rubido
Mais rubido não é.

Trinam além os passaros
No erguido coqueiral
Dá catadupa aos vomitos
De limpido crystal.

Estrella d'alva rútila !
Lua que esmaia alem !
Saudo-vos ! saudo-te
Oh ! rubro sol tambem !

Entre a folhagem madida,
Que a brisa faz bulir,
Passam correndo celeres
As moças a sorrir.

As flores odoríferas
Oscula o beija-flor,

D'amor mimoso symbolo
Ensina a ter amor.

Se a flor e as aves beijam-se,
Se amores tudo tem,
Moças gentis, amemo-nos
Beijemo-nos tambem !

Sou fatalista ; aos vinculos
Do amor não fujo, não ;
E' meu destino — adoro-vos
Muzas do coração !

A' sorte eu não esquivo-me,
Quem póde se esquivar ?
Sou muito moço e sinto-me
Com forças para amar !

O goso é tão ephemero !
Ha tanto dissabor !
A vida passa rapida
E cifra-se no amor !

Deus dá candura aos lyrios,
A's rosas — o nacar,
E dá ao homem o animo
P'ra ser amado e amar !

Amor ! murmura o pélogo,
O prado, a relva, a flor,
O lago, a brisa, o córrego...
Tudo murmura amor !

Oh ! natureza pródigo !
E's rica de encantar !
A minha sina eu cumpro-a,
Vivendo para amar !

—
E' dia ! entoam canticos
A terra, o mar, os céus...
Lá do infinito soltam-se
Benções das mãos de Deus !

II

Acorda — meu amor — vem ver na aurora
Como a varzea é louçã !
No tapete da relva verdejante
Treme a gota de prata scintillante
Do orvalho da manhã !

Acorda — meu amor — vem ter commigo
Por baixo dos cafés !
Eu vou buscar-te á beira da choupana,
P'ra render-te homenagens de sultana
Deitando-me a teus pés !

Acorda — meu amor — quero com sustos
Contar-te um sonho meu !
Quero — qual morre a humilde borboleta
No seio perfumado da violeta —
Morrer no seio teu !

Rio — 1877.

Paixão

Passaste um dia junto a mim de subito,
Desde esse instante em que te vi amei-te !
E apenas tinhas sobre a fronte angelica,
Singela rosa por singelo enfeite !

Longa e lustrosa cabelleira d'ebano
Cahia em roscas nos teus alvos hombros,
Como as torrentes, que se arrojam rabidas
Dos niveos Alpes nos argentes combros !

De tal belleza só é Deus o artifice
E aqui da terra nenhum genio a imita,
Mas sob os seios de nitente marmore
Tambem d'amor um coração palpita !

E's tão formosa ! que esplendente aureola
No teu semblante de creança brilha !
Feliz aquelle, que é teu pae ; invejam-lhe
Todos a gloria de tão linda filha !

Bem sei que apenas do Oriente um principe
Póde orgulhoso offerecer-te o braço,
Comtudo eu, virgem, tive a doida audacia
De erguer meus olhos para o teu regaço !

Basta em minh'alma de tu'alma o anhelito
P'ra levantar-me o coração dolente,

Bem como o vento em borborões na Africa
Levanta a areia do deserto ardente !

A minha lyra não tem voz, concerta-lhe
As cordas d'ouro com teu mago encanto —
E a gente, que hoje, sem motivo, odeia-me,
Pára amanhã para escutar meu canto.

Sou orgulhoso ! mas se passas, fêrvido
Meu labio o rastro dos teus pés não beija ?
E não me prostro como a planta supplice
Prostra-se ao vento que a passar pragueja ?

E' que em meu seio da paixão o incendio
Lavra-me em furia o coração que te ama,
Como vermelha a labareda enrola-se
Pelas columnas d'um palacio em chamma.

Miragem loura em solidão inhospita,
Ai ! não me fujas, nem de mim te escondas !
E's meu farol — eu sou baixel sem bussola,
Que o mar sacode em volumosas ondas !

Volve a meus olhos os teus olhos vividos,
Puros, despidos d'altivez sublime,
Que ha n esses olhos uma aurora lucida,
Que expelle a noite que o meu ser opprime !

Se me os volveres a minh'alma sofrega
Ha de inundar-se d'essa nova aurora —
E dirão todos a me ver sem lagrimas :
Como é feliz aquelle moço agora !

Jessica

C'est une âme charmante !

(DIDEROT)

E' linda essa creança,
Modesta e casta e mansa ;
E' como a luz que lança
Dos anjos o esplendor !
De seu olhar o lume
Dá brilhos em cardume
No lôbrego negrume
Do mais profundo horror !

Meu Deus ! os seus cabellos
São negros e tão bellos,
Eu morro só de vel-os
Tremendo á viração !
Dae risos se ella chora,
Está na flor d'aurora
Meu fundo amor ignora
Seu seio inda em botão !

Ninguem a dar se atreve
Profano beijo leve
Na face d'alva neve,
De tepido setim !
Seus labios nacarados
Por seraphins beijados
Escondem — rorejados —
Seu dentes de marfim !

Oh ! Deus ! guardae-lhe a graça !
Se um vento forte passa,
Eu temo que a desfaça
Qual nuvem matinal !
A debil innocente
Sorri-se docemente...
Oh ! conservae clemente
Seu riso virginal !

Livrae-a dos amores
Da vida nos verdores ;
E' ella a irmã das flores,
Que o prado faz nascer ;
O amor — do sol o fogo —
No prado as mata logo...
Jesus ! chorando eu rogo :
Não a deixeis morrer !

Amae-a ! ella é tão pura,
E tem essa doçura
Da estrella, que fulgura
A vossos pés — Senhor !
Eu amo-a em segredo
Meu Deus ! mas tenho medo,
Que a virgem já tão cedo
Perceba o meu amor !

Rio — 1877.

Lembra-me outr'ora, em madrugada linda
Envolta ainda pela nevoa fria,
Tu me apontavas no horisonte á medo
Co'o roseo dedo o despontar do dia.

Resavas terna ao pôr do sol no monte,
Pendida a fronte no sopé da Cruz,
E de teus labios, no resar, frementes
Vinham torrentes d'inspirada luz !

Sentada eu vi-te tanta vez absorta
Da casa á porta, no relvoso banco...
Pensando assim no meu passado bello,
Que pesádelo do meu craneo arranco !

Entre as cortinas do florido berço,
Que mundo immerso no porvir sonhei !
Que sonho d'ouro ! que contraste enorme
Co'o mundo informe que depois pisei !

Como da veiga adormecida, escura,
A aurora pura a solidão povôa,
Quando um gorgueio musical, no ninho,
O passarinho no arrebol entôa ;

Eu sinto, oh anjo, que nos ermos d'alma
Rebenta a pálma das sonhadas flores !
Traz-me d'outr'ora a virginal lembrança
Fé, esperança, mocidade, amôres !...

Sonhos

Anjo das tranças louras ! eu quizera,
Rosa fresca da minha primavera,
 Flor — mais que as outras flores,
Nas mattas virgens fabricar meu ninho,
Longe do mundo, e lá viver sósinho
 Comtigo — meus amores !

A' sombra de florido cajueiro,
Quero tanger meu languido pandeiro
 Pelo raiar d'aurora ;
Vêr — nuvens no poente ensanguentadas,
Sentir beijos das boccas perfumadas
 Da viração que chora !

Vêr a exhalar o odor, nos bosques, acre,
Abrir-se a flor sylvestre còr de lacre
 Ao fogo tropical
Do sol, que as fontes limpidas amorna,
Secca as verduras da campina e torna
 Em brasas o areal !

Quero tirar do violão um threno
Quando escorrer nas folhas o sereno,
 Que cahe baga por baga,
Escrever o teu nome n'alva areia,
E ouvir ao longe o mar que esbofeteia
 A solitaria plaga !

Filha! feliz n'aquella soledade,
Eu tornaria em pura realidade
 Todos os sonhos teus!
E — Jesus! tão idolatra eu seria,
Que prostrado a teus pés te adoraria
 Como se adora um deus!

Será o quarto teu, moça bonita,
Um sacrario, onde eu só — feliz Levita —
 Poderei penetrar!
E lá nós, embalando-nos na rede,
Os painéis pittorescos da parede
 Iremos contemplar!

Eu serei caçador, tu — costureira...
(Pois não posso viver a vida inteira
 Junto aos joelhos teus!)
E quando eu fôr caçar pela floresta,
Um beijo imprimirás na minha testa
 Dizendo triste: adeus!

Tendo ao lado a cestinha de costura,
Tu coserás á noite, virgem pura,
 Em placido remanso,
E inclinarás a fronte fatigada,
Sobre o fofa espaldar da almofadada
 Cadeira de balanço!

E quando d'esses dedos cor de rosa
O teu dedal de prata, preguiçosa,
 Escorregar no chão,

Tens em mim um escravo paciente
Para apanhal-o, rapido, contente
E pol-o em tua mão !...

Se dormes, eu te acordo — e tu, desperta,
Has de então ver pela janella aberta,
Na tela do horisonte,
Que a lua cheia — lamina redonda —
Faz saltar esculpida d'onda em onda
A macerada fronte !



Fremitos

E' noite ! cheio de estrellas,
O azul do céu resplandece,
E a folhagem se estremece
Das mornas auras aos beijos ;
E os sylphos dansam sorrindo
Sobre o lago adormecido,
E o peito pulsa opprimido
Na febre de mil desejos.

Não vês ? no céu virgem loira
Debruça-se a lua bella ;
Vem tu tambem á janella
Debruçar-te — creatura !
E' noite ! mostra-me ao menos
O transparente regaço,
Quero cingir-te o meu braço
A' roda d'essa cintura !

Ai — vem donzella, que enquanto
Não surges — meu peito enlutas !...
Sempre ao longe não escutas
O mar como bate e róla ?!...
Meu peito é mar ; pulsa sempre
Por ti — meu Deus — se o soubesses,
Quando langue desfalleces
Chorando aos sons da viola !

Ai — vem ! eu gosto de ver-te
Toda de branco vestida,
Tão pallida, amortecida,
Qual luz de dormente estrella !
Vem ! chega-te a mim creança
Porque é que tremes medrosa ? !
Estende a mão cor de rosa,
Quero de beijos enchel-a !

Não temas ! desce, meu anjo,
N'essa cama de verdura
Vem deitar-te ! lá da altura
Nos vê a lua sómente !
Meu Deus ! que tristeza eu sinto !
Alem de tanta poesia,
Ha tanta melancolia
Na nossa paixão fremente !

Vem cá ! nós somos dois noivos ;
Desata essa loira trança !...-
Porque, tristonha creança,
Fitas o céu ? em que pensas ? !
Contempla : o céu é bem grande,
E' tão extenso o seu manto,
Mas nossas paixões no entanto
Ainda são mais extensas !

Ah ! desfaçamos em beijos
O nosso sentir profundo !
Troquemos a gloria, o mundo,
Por essa eterna loucura !

Quero com beijos de fogo
Desmaiar no teu regaço !
Quero, n'um fervido abraço,
Morrer de amor — creatura !

1877.



Flor

Abre-te flor ! thesouro
E de innocencia cofre !
Dorme em teu calix d'ouro
O matutino aljofre !

Eia ! não vês creança ?
Alem desponta o sol !
Desprende a loira trança
Ao lúcido arreból !

Tu és — faceira filha —
O doce olor, que entorna
A's auras a baunilha
Na hora da sésta morna !

Um mavioso harpejo
De cithara ideal,
De luz solar um beijo
Em prisma de crystal,

Geram-te — rosa supplice !
Que amor e que innocencia
Formam-te o ser ! é duplice,
Duplice a tua ~~innocencia~~ *essencia*

Córa-se á luz d'aurora
A desmaiada flor,

Teu rosto lindo córa,
Quando eu te fallo — amor !

Se junto a ti — perplexo,
Eu fito alguma estrella,
Nem sei se é teu reflexo,
Se és o reflexo d'ella !

Teu seio rescendente
Esquiva-se ao olhar,
Na gaze transparente
D'alvura do luar !

Na infancia vaporosa,
Do sol ao raio louro,
Abre o teu seio, rosa,
Rosa do calix d'ouro !



A solidão

(Á VALENTIM MAGALHÃES)

E' triste ver, sangrento no crepusculo,
Exangue, descambar o sol, sem vida,
Como de um padecente no patibulo
A cabeça abatida,

E quando, pela estrada solitaria,
Quem passa escuta o timido murmurio
Da voz de uma creança, que mendiga
A' porta do turgurjo,

Emquanto jaz, sem culpa, em feio carcere
O pae triste e infeliz, que nem consola
A piedade d'alguem ; pois a piedade
Suppre ás vezes a esmola.

E a orphã cresce, e bella moça torna-se,
E ao sopro da miseria mal resiste...
Cahe!... O mundo condemna-lhe a traqueza!
Como a miseria é triste !

E tantos europeis cobrem o prodigo
E afogam-n'o de luz ! Elle não sente
O gemer da desgraça, e grandes sommas
Dissipa inutilmente !...

Detesto o mundo perfido ! Prefiro
Ao lubrico rumor das ricas festas,
Que ha nas cidades, o rumor das arvores
No centro das florestas !

Eu amo a solidão ! O fel que o mundo
Me verteu na existencia lá se adóça !
São mais doces p'ra mim, que os da cidade,
Os folguedos da róça,

O cochichar das moças, as cantigas
Tão saudosas aos sons do violão,
E ao luar vaporoso e melancolico
Das noites de verão !

E é bello ver a fronte enrubecida
Do sol atraz da serra apparecer,
Quando o bosque dos passaros á musica
Parece estremecer.

E a cascata despenha-se, e espreguiça-se
O rio cheio, que a planicie alaga,
E da enseada na arenosa curva
Rola e rebenta a vaga.

O espelho azul da immensidão reflecte-se
Do oceano no liquido lençol —
Fundem-se os astros todos n'um só astro,
Que é o sol, que é o sol !

Eu amo a solidão ! A natureza
Lá de si não expulsa os filhos seus !
A natureza inteira falla ao homem,
E o homem falla a Deus !

All for love

O sol dormente no horizonte foge,
Tingindo as nuvens de rubente cor ;
Sosinho, vendo escurecer o dia,
Vou me abysmando n'um sonhar d'amor.

Por sobre a terra já desdobra a noite
Seu denso manto de feral negror ;
Eu, solitario n'estas ermas fragas,
Sinto as tristezas de infeliz amor !

O mar bramindo de espumantes vagas,
Quebra-se á margem com feroz fragor —
Ouvindo em ancias esta orchestra horrenda
Sinto que morro sem gosar do amor !

As tibias auras, que do valle adejam
Róçam-me as faces com subtil frescor !
Aos leves beijos d'essas tibias auras
Sinto os perfumes virginaes do amor !

Choram as fontes ao correr das sombras
No campo immerso no lethal torpor !
Eu suspirando n'esta scisma ardente
Busco acolher-me nos rosaes do amor !

Ao longe, ao longe o campanario humilde
Tange seus dobres... coração ! pavor !...
Ave-Maria ! que saudoso instante !
Que ternos sons ! que inspiração ! que amor !

Sonho, da varzea, derramando, em torno
Doce ambiente a laranjeira em flor !
E junto d'ella, minha virgem loura
Tambem sonhando a suspirar d'amor !

E d'essa virgem pudibunda e meiga,
Nos puros labios de purpurea cor ;
Julgo que a vida por um beijo eu dera,
Em doce troca do seu doce amor !

Ella suspira, embalsamada scisma,
Afflue-lhe ao rosto virginal rubor !
Quero, a seus pés ajoelhar contrito,
E louco, e louco, desmaiar de amor !

Ah ! tudo é sonho ! No horisonte a lua,
Surgindo, ri-se a derramar fulgor !
Embora sonhe ! n'este lindo sonho
Vi minha bella e suspirei de amor !



Noivado no sertão

E' noite ! o céu arreia-se d'estrellas
A terra a illuminar !
Por entre as ramas da taquara verde
Peneira-se o luar !

Enche os ares o aroma, que transpiram
As flores da mangueira !
Dos sertanejos os semblantes brilham
Ao lume da fogueira !

Junto ao fogo, phantasticas historias
Um velho está contando
A'quelles, que o escutam, as espigas
De milho debulhando !

A mesa do banquete está repleta
No meio da folhagem,
E a toalha de rendas lá se agita
Aos osculos da aragem !

Vem a noiva de lyrios coroadada,
Dá o braço, faceira,
Ao noivo, que devora com os olhos
Os seios da roceira !

Reina o prazer ! Lá salta p'r'o terrciro
Um bello rapagão —

Sapateia sorrindo, enamorando
As filhas do sertão !

Outros mancebos na viola rude
Dedilham cantilenas,
Morrendo aos risos joviaes e francos
Das languidas morenas !

Redobra-se a funcção ! surge a girandola
Do centro dos palmares ;
Chuvas de rosas, calorosos vivas
Vão agitando os ares !

Reina o prazer na multidão pacifica...
Suspiram as violas,
Moços e moças no terreiro bailam
Ao som das castanholas !

E é noite ainda ! da lagôa á beira
Se dobra o nenuphar —
Entre a ramagem da taquara verde
Peneira-se o luar !

Quando a lua mergulha em nuvens baças
O rosto acabrunhado,
Finda o banquete — e a noiva se dirige
Ao leito do noivado !

Mas o noivo do amor no floreo ninho
Primeiro se deitou,

E a noiva na janella, pensativa,
O céo inda fitou !

Depois .. ella descalça os sapatinhos
Forrados de setim,
Sorri-se com malicia, o véo arranca
E se reclina emfim !



13 de Maio

Oh ! natureza ! eu morro acabrunhado
Por tantos desenganos !
Hoje me encontras mergulhado em dores —
Dia de immensa luz ! dia de flores !
Oh ! dia de meus annos !

Ao sol de Maio a primavera entorna
Vida e seivas á flux !
Os botões d'oiro do vergel decerra,
O mar descanta, o céu sorri e a terra
Satura-se de luz !

Pelas folhas rasteiras da restinga
Chora o tenue riacho ;
Libra-se a abelha no favonio froxo,
E do quintal na cerca pende roxo
Da bananeira o cacho.

Os loiros fructos o pomar ostenta
Do sol ao resplendor ;
Abre as pet'las a rosa coralina,
Como os labios gentis d'uma menina
Sorrindo com pudor.

A fumaça em pyramides se eleva
Do fundo das fazendas,

O vento a palma tremula balança,
Como a flamula verde da esperança
Dos arabes nas tendas.

Da natureza esplendida palpita
O coração febril ;
A coma verde o matagal pompeia,
E cahe de bruços sobre a fulva areia
A onda cor de anil !

Foi n'um dia como este ! ella aqui 'stava
Do laranjal á sombra —
Nossa conversa o zephyro embalando,
Ia de niveas petalas juncando
A humedecida alfombra.

Penetrantes olores rescendia
O agreste manacá ;
A catadupa ao longe espadanava,
Nos leques verdes da palmeira brava
Trinia o sabiá...

Hoje tudo acabou, cobrio meu astro
Espesso nevoeiro —
Meu Deus ! não sei que malfadada sina
Arrebatou-me a candida menina, —
O meu amor primeiro !

'Tal das cecens os calices n'aurora
Que o rócio fresco abrio ;
Ellas sorriam no verdor das varzeas,
Mas de tarde o tufão sem dó esparze-as
No pantano sombrio !

Eu disse muita vez mirando em extases
Os olhos seus tristonhos :
Sorri, creança pura ! o que é que obumbra
A rosea luz da magica penumbra
Dos teus primeiros sonhos ? ! —

Aos queimores do sol do meio dia,
Aos gritos do nambú,
Arquejante, co'a face esbrazeada,
Sentava-se ella á sombra projectada
No antigo indayassú.

Qual de escondida vibora entre rosas
Refulge o olhar candente,
Tal — na estação febril dos devaneios,
Co'as agras púas, lhe sangrava os seios
Intima dôr latente !

Dez vezes tem a lua apparecido
No fundo azul do céu
Desde que ella a chorar na flor da idade,
Qual Miranda gentil na tempestade,
Nas brumas se perdeu !

Hoje eu sou triste embora esmaltem flores
As róridas campinas,
A trepadeira azul no ipê se enrosque,
E os passaros modulem pelo bosque
As trovas matutinas ;

Embora as fragas ermas longe embale
O estrepito do mar,

Ria-se toda a natureza, embora,
Meu labio não sorri, minh'alma chora
E ha de sempre chorar !

Só eu sou triste ! os céos d'azul diaphano
Benções na terra chovem,
Da criação no labio um riso paira,
Tudo é gala e festejo, só desvaira
A minh'alma de joven !

Em vão pergunto ás arvores da roça,
Ao sol e ao mar, em vão :
Vós não vistes passar aquella moça ?
E o mar e o sol e as arvores da roça —
Não me respondem, não !

Vertem nas minhas faces pranto amargo
As magoas que me affligem !
Meu firmamento azul tornou-se escuro,
Fugio, p'ra sempre a luz do meu futuro
Da noite na caligem !

Eu quizera encontrar esta menina,
Que a sorte me roubou —
Eu quizera saber que negro espinho
Ferio-lhe a nivea planta, no caminho
Em que ella tropeçou ! . . .

Oh ! natureza ! eu morro acabrunhado
Com tantos desenganos !
Hoje me encontras mergulhado em dores —
Dia de immensa luz ! dia de flores !
Oh ! dia de meus annos !

A estrella d'alva

Moça infeliz onde é que vaes tão cedo ? !
A estrella d'alva lá do céu te enxerga,
A brisa beija-te a madeixa á medo,
E o cardo molle á beira d'agoa verga.

Corres por baixo da ramagem, triste,
Teu rosto lindo nunca mais se alegra...
Cahindo, a flor da lorangeira — viste ?
Ficou-te presa na madeixa negra.

O que te assusta ? ! atravessando a vargem,
Na mão tu levas um *bouquet* de goivos,
E se debruçam do caminho á margem
Os pecegueiros — enfeitados noivos.

Do frio orvalho se amiuda a chuva,
O campo escuro é solitario e quedo,
Sosinha, *afflicta jurity* viuva,
Moça infeliz onde é que vaes tão cedo ?

Sangram-te espinhos as mimosas plantas
Galgando o cimo da montanha calva ;
E resignada o puro olhar levantas
Ao puro olhar d'aquella estrella d'alva.

Moça infeliz ! no lago azul se estampa
Teu vulto aereo, que a desgraça verga —
Oh ! de teu noivo vae resar na campa,
Que a estrella d'alva lá do céu te enxerga !

Epicedio

What iron stoic can suppress the tear!

(CHATTERTON.)

Tanta illusão sorria-te na frente!
Vasto, rosado, esplendido horisonte
 Cercava a tua vida!
Mas foi curto o fulgor; da morte hedionda
Tu foste arrebatado pela onda
 Tumida, enfebrecida!

Alem... do arminho tepido da infancia
Viste um castello fulgido, em distancia,
 De fadas vaporosas;
Um castello de abobadas ingentes,
Cheio de luz e flores rescendentes
 E musicas ruidosas...

Era o mundo fallaz, que te attrahia,
Dentro todo — sarcasmos, ironia
 E perjurio e mentira...
Incauto penetraste — n'um momento
Tornou-se horrido sonho lutulento
 Teu sonho de saphira!

Eras moço; sonhaste a liberdade
Na avidéz de brilhar, que ha n'essa idade
 Vasta, ridente, florea;

Sonhaste-te, nas praças populares,
Erguido pelas turbas seculares
No pedestal da gloria !

A gloria ! Tanta fronte corajosa
N'essa escada, febril, vertiginosa,
Pára, tropeça e tomba
No abysmo escancarado. E tu tentaste
Ao pincaro subir, e escorregaste
Cahindo na hecatomba !

E descreste depois — eras tão moço !
Teu precoce descreer foi o destroço,
Que da lucta restou...
Viste em ruina o templo, que, gigante,
Fabricaste — esqueleto d'elephante,
Que o tempo descarnou ! —

Da mocidade no folguedo immenso,
Quiçá pensaste como ás vezes penso,
Que a vida não tem fim !
Cedo sahiste do festim do mundo
Para augmentar, por sob um solo immundo,
Dos mortos o festim !

Teu craneo está despido de cabellos !
Seccaram-se teus olhos, que eram bellos !...
Em ti se nutre o verme...
D'esse teu corpo, que a mortalha tapa,
Formigam larvas sob a podre capa
Da livida epiderme !

Foste pó, serás pó ! disse-té a morte,
Lançando-te da inercia a algema forte
 No ergastulo do pó ;
Tu'alma volta á luz onde é gerada,
Cobrinde o luto branco d'uma ossada
 Fica o teu corpo só !

Vida — oh ! vida ! onde o fogo está, que ateias
No cerebro dos moços, se de idéas
 Este cerebro é nú ? !
Razão ! como é inedonha a tua calma !
Sopro divino ! espirito ! alma — oh alma !
 Onde habitavas tu ? !

Incompreensíveis leis ! alto mysterio !
E' no fundo da vida o cemiterio
 Sómente o que se vê !
O pensamento nada mais alcança...
E á tibidez do tumulo a esperança
 Acompanha quem crê !

Ao telescopio da razão me cinjo —
E em vão, meu Deus — eu nem sequer te attinjo
 Foco deslumbrador !
Tudo o que me rodeia apenas mostra
Miseria, lama... e a duvida me prostra
 De terror ! de pavor !

De grande irradiação minh'alma é centro
E em vão olho p'ra fora, em vão p'ra dentro
 De mim — não vejo a luz !

Oh ! mas se a Cruz creença symbolisa
E se de creença o espirito precisa
Vou abraçar-me á Cruz !

Meu Deus ! eu nada vejo se não creio !
Dos dedalos da duvida no meio,
Cego, me perderei !
Do scepticismo contra a vaga immensa
Inabalavel, sempre a mesma creença
Tive, tenho e terei !

Oh ! a morte é que é luz, o berço é treva,
Quem mais se abaixa, tanto mais se eleva,
Desce quem mais se ergueu !
Alma, que da materia se desloca,
A verdade contempla e n'ella toca...
Feliz do que morreu !...

E's mais feliz portanto. Se tão cedo
A morte te ferio, — atro segredo !
Tetrica divindade ! —
Tambem cedo, da tenebra do mundo,
Voaste incolume ao clarão profundo
Do sol da eternidade !

Transpuzeste da vida a alta montanha...
Na mesma luz em que teu ser se banha
Meu ser se banhará —
E como ordena a eterna prophacia,
A' trombeta final ver-te-hei um dia
No val de Josaphat !

1877.

A Poesia

Donzella ! vem que é noite e a lua já derrama
Do céu azul, profundo, o pallido clarão !
A brisa a ciciar parece que te chama
A gosar junto a mim o amor na solidão !

Oh ! vem — tudo é silencio e apenas o regato
Serpeia argenteo alem, sentido a murmurar !
Dilata a flor o seio e geme lá no mato
O triste noitebó, que esquivava-se ao luar !

Que doce aroma expira a flor da guabiroba !
Não tardes ! vem, febril, cahir nos braços meus !
Quando sinto o estalar das ramas da pindoba,
Logo imagino o som dos breves passos teus !

Vem doce noiva minha ! a natureza é quieta !
E' solitario o campo e longe o mundo é !...
— Mas que donzella é essa, oh ! pallido poeta —
Por quem deliras tanto e em que tu'alma crê ? !

Quem é ? ! Fada gentil, que embala-me os sentidos
Com perfumes na aurora e á noite co'harmonia,
Que traz a luz até na fimbria dos vestidos,
Que é sempre moça e loura, e chama-se Poesia !

1877.

A Idéa Nova

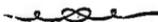
(A BARROS CASSAL)

Sob inhospito solo e esteril estremece
O volcão e abre a bocca aos vomitos da chamma !
Vôa o fogo no ar !... Tudo em redor se inflamma !
Tudo reduz-se a pó ! e então mais nada vê-se !...

Pouco tempo depois, sobre os montões de lama,
De cinzas e betume a primavera desce ;
De alta vegetação o solo se recama,
Que em seivas exubera e loirejante messe !

O cerebro febril da ardente juventude
E' um volcão tambem ; a luz da Nova Idéa
Ha de romper de lá em subita explosão !

Athletico lutar ! Tomba a decrepitude !
Mas das ruinas vis da sordida Pompeia
A cidade — Progresso — ha de surgir então !



Entre ruínas

(A SILVA JARDIM)

Percorre no Oriente o viajor errante
As terras da Judéa ermas, abandonadas,
A mata secular do Libano gigante,
E de Jerusalem as pristinas ossadas...

Ouve além marulhar o Cedron espumante,
E o nardo vae haurir ás amphoras sagradas,
Mira de Babylonia os porticos distante,
Ruínarias sem fim, torres desconjuntadas...

Silencio tumular ! Da maldicção divina
Sente o pezo fatal na triste Palestina,
E á preterita idade elle remonta e vê :

Cheias de luz, perante as cúspides das lanças
Dos despotas da idéa, imperturbaveis, mansas
As tranquillias feições dos martyres da Fé.

A Lua

(POPE)

Quando reponta a lua, a lampada nocturna,
No transparente azul e esparge a luz serena,
E sopro algum não quebra essa soidão soturna,
Nem nuve'alguma tolda essa solemne scena ;

E quando cinge a lua aureola de estrellas,
E tremem fachos mil no fúlgido horizonte ;
E tornam-se do bosque as folhas amarellas,
E cobrem-se de prata os cómoros do monte ;

E a rocha lá parece erguer-se na eminencia.
E d'anjos um diluvio em todo o céu revôa...
A mocidade ardente alegra-se na sciencia,
Estuda e pensa e a lua esplendida abençoá !

Sylphide

Passaste sylphide
A' luz da lua
Co'a face nua
Sem ter um véo !
Eu vi-te pallida
Olhar chorando
De quando em quando
Pr'o ermo céo !

Alvejam cómoros
Dos nevoeiros !
Como os coqueiros
São espectraes !
Fantasma lugubre
Uivava triste
Quando sahiste
Dos coqueirae !

Folhas deslocam-se
Dos galhos — seccas...
Lá nas charnecas
Mocho piou !...
Brincava tremulo
Um brilho vago
A' flor do lago,
Que latejou !

A flor, das arvores
Murcha, indolente,
Sobre a torrente
Balança e cahe...
O orvalho — o zephyro
Da flor na taça
Bebendo passa,
Cantando vae !

Reluz tão languida
A estrella d'alva
Na face calva
Do mar sem fim !...
Vertendo lagrimas
Do imo d'alma
Eu vi-te em calma
De noite assim !

Os dedos frigidos
Branco de neve
Roçaste leve...
Meu ser tremeu !
Quem és ? responde-me !
Alma sem vida,
Forma perdida,
Delirio meu !

Beijar-te — stolido —
Eu quiz — fugiste —
Pallida e triste,
Branco vapor !

Fugiste subito,
Desfez-te a aragem,
Louca miragem,
Alma de flor !

Eu vi-te — gelida —
Em noite fria,
Fada sombria
Fitar o céo !
Quem és tu ? sylphide !
Rosa das campas,
Que o vulto estampas
No peito meu !

1877.



Sobre um homem popular

(VICTOR HUGO)

Oh ! povo ! aquelle craneo ainda está fechado ;
Nenhuma idea grande ali tem penetrado,
Nenhum pensar o agita !
Mas d'essa fronte augusta ha de saltar um dia,
Quando a luz inundal-a, a esplendida utopia,
Que em germen n'elle habita !

Contempla-o ! Na India assim um curioso
Contempla com respeito o monte mysterioso
— Cimo da tempestade —
E sem que se approxime, elle na matta ingente,
Nos rochedos, no mar, e em de redor presente
Alguma divindade !

No interior do monte occulta-se o Pagode !
Chega o dia solemne, o povo em onda acode
Rasga-se a porta estranha...
E bradam todos vendo o colossal Dantesco,
O idolo, que então, qual féto gigantesco,
Rebenta da montanha.

O Propheta

Vinha a noite a fugir pelas paragens cerulas
Pairar sobre a cidade — esplendida Stambul !
O estellifero manto era um collar de perolas
Espalhadas por Deus pelo infinito azul !

O Nordeste bramia, e nos desertos humidos
Oscillava medrosa a face do luar —
E em vagalhões azues estrugidores, tumidos
Nos peitos do areal vinha bater o mar !

E aos sons do mar — e aos sons da ventania rabida
Aos poucos vi rasgar-se o nebuloso véo —
E um vulto sobre a terra infame, vil, e tabida
Surge occupando enorme o circulo do céo !

No seu braço despido e musculoso e livido
Sustentava o colosso immenso d'uma cruz !
O labio se entreabrio !... o olhar tremia vivido !...
Um despede trovões — outro despede luz !

Serpeia-lhe na espadua a cabelleira flaccida
Rolando pelo espaço em fulgidos anneis !...
A fronte ergueu ! do mar recua a onda placida
E a terra muda, humilde, estende-se a seus pés !

E assim bradou então : « Da natureza flórida
Murmurios, luzes, sons... o author negaes atheus ? !
E se ella inda amanhã ha de acordar tão rórida —
Oh ! acaba com ella Omnipotente Deus !

« Assassinos da Fé ! excommungados scepticos,
Apostatas do bem ! — qual é a vossa moral ? !
Vós sois da humanidade os sórdidos morpheticos
Quando accendeis do vicio o turbido fanal !

« Da religião christã, a verdadeira, a unica,
Estupidos fazeis muitas religiões !
Eu hei de espedaçar a sanguinaria tunica
Com que ao gremio da Fé roubaes as gerações !

« Abris em cada templo um perfido prostibulo,
E á victima que tomba o braço recusaes ? !
E' fabula — a vossa alma, e o coração — thuribulo,
Do fumo embriagador dos gosos sensuaes !

« E mostraes do sarcasmo as gargalhadas horridas !...
Onde é vossa garganta — oh ! furias do escarcéo ? !
Oh ! terra aonde estão tuas entranhas torridas ? !
Vosso fogo onde está — relampagos do céo ? !

« A Igreja tambem tem os azorragues solidos,
Que a raiva dos leões do vandalismo tem —
Mas co'a palavra só ha de salvar — stolidos —
Das vossas garras vis as gerações que vêm !

« A crença amortecei da insensatez no cumulo !
Erguei a injuria a Deus, sarcophagos á Fé !
Porque a Fé no porvir resurgirá do tumulo
E velheis então esplendida de pé !...

« Oh ! leões ! Oh ! leões, que trovejaes, asperrimos.
O facho da verdade espalhará clarões !
E a razão ! a razão ha de bradar : Miserrimos !
Miserrimos que sois, colericos leões !

« A punição não tarda — Oh ! crentes esperemol-a !
Da vida eterna o sol ha de fulgir emfim !
E tu — Oh ! legião de malfetores, tremula —
Do olvido irás rolar no barathro sem fim !

« Oh ! natureza rica ! esplendida chrysalida !
Depois que o povo em Fé passar o teu Jordão,
Abysma-te no cahos d'onde sahiste esqualida !
Fulmina este universo — Oh ! Deus da Creação !

E subito sumio-se o vulto horribilissimo —
E o céo ermo tornou-se e limpido outra vez !
E soluçou o mar n'um soluçar tristissimo,
Como inda ouvindo o som d'aquella voz talvez !



A' morte de Alexandre Herculano

No ardente craneo seu, bulhava da poesia

O férvido escarcéo !

A'cima d'este mundo insano, estrepitoso,

O seu augusto vulto ergueu-se luminoso,

Sublime até o céo !

Su'alma sempre foi da magoa inabalavel

Aos rijos vendavaes !

Envólucro sagrado — aquella vasta fronte

Continha, em fogo ethereo, o fúlgido horisonte

Dos mundos ideaes !

Ora fazia austero estremecer o vicio

No dorso das nações ;

Ora infundia amor e as almas dos meninos

Elle ia povoando, em sonhos matutinos,

De loiras illusões !

E elle o mestre augusto, o magico architecto

Do templo do ideal —

Da morte se envolveu na funebre roupagem,

Como rastro de luz, deixando na passagem

O seu nome immortal !

Meu Deus ! elle morreu — Oh ! sim, porque era humano

Mas quando elle morreu —

Oh ! terra — em convulsões ep'leticas devias
Tremar como tremeste ás roucas ventanias
De S. Bartholomeu !

N'esse genio christão da natureza amante
Chora a poesia um pae !
Echos da solidão, aves do bosque denso,
Brisas da madrugada, ondas do mar immenso ..
Soluçae ! soluçae !

1877.



O amor

(V. HUGO)

Senhora ! é no principio o amor o espelho magico
Onde a mulher loureira, alegre ou melancolica,
 Seu rosto vae mirar !
Como a virtude, o amor, quando se embebe no intimo,
Expulsa d'elle o mal e o vicio ascoso, e candidas
 As almas vem tornar !

Depois, se desce um pouco, o pé resvala e o barathro
Sorri no fundo. Embalde as mãos á borda prendem-se,
 Lá vae-se emfim tombar !
Bello, puro, fallaz, o amor é qual rio nitido,
Que uma creança attrahe, que ahi se mira, banha-se
 E ahi vae se afogar !

1877.

Ao crepusculo

(A JOÃO MOTTA)

Salut, doux crépuscule, ô suave lumière !

(GÆTHE.)

E' tarde ! zunidora a ventania açoita
As torres da Matriz !
O brilho extremo o sol dos montes nas alturas
Espalha, e as nuvens franja a se espraiaem puras
De nitido matiz !

Despenha a catadupa a cabelleira basta
De espuma e de crystal !
O mar bramindo em furia affronta esses penedos —
Nos calices da ve'ga a brisa diz segredos
Occultos ao mortal !

Escuta a jurity que arrulha gemedora
Nas moitas dos bambús !
Escuta a voz do grillo ! e que melancolia,
Que amor, meu Deus, nos traz o som d'Ave-Maria,
Que o coração traduz !

E' tarde ! volta ao lar cantarolando ao longe
Saudoso o pescador !

E' tarde ! e que saudade eu sinto n'estas horas !
Em vago estremecer, minh'alma porque choras ?
Acaso tens amor ? !

II

Morre o dia ! minh'alma vê, contempla
Esse sol tão ardente a se apagar !
Como envolvel-o vêm opacas nuvens
Ao véo crepuscular !

Quem sabe se amanhã tambem meu corpo
Irá da morte nos umbraes tombar !
E se ouvirei a brisa do cypreste
Nas ramas palpitar !

Oh ! amanhã quem sabe ! ella chorosa
A fria fronte me virá beijar —
Mas — ai ! nem poderei sentir seu beijo —
Sentil-a soluçar !

III

Que nuvens doiradas no céo todo azul,
Formando palacios e aereos castellos
De candidas fadas e mundos de anhelos,
Lá correm, lá voam p'r'as bandas do Sul !
Com laivos de sangue na face incendiada
Nas agoas mergulha-se o rubido sol !
Minh'alma vagueia, nas scismas perdida,
No bello arrebol !

Crepusculo doce ! minh'alma no mar
Ao longe, que vultos tão brancos divisa ?!
São velas trazidas nas azas da brisa ?!
São fadas ? são cysnes que eu vejo alvejar ?!
Thurybulo acceso de quentes aromas
Se fórma das flores no val, no vergel,
E a lua eu diviso do bosque entre as comas,
N'um gazeo doce!

Já desce das noites o lobrego véo,
E as preces e os rogos, que cahem dos labios,
No templo, dos pobres, dos ricos, dos sabios,
Lá voam, lá sobem iguaes para o céo !
Luar merencorio se estende nos ares —
O sylpho adormece no calix da flor ! —
Minh'alma que sonhas, teus santos sonhos
Levanta ao Senhor !

1877.

Chimera

Ergue-se a lua na cerulea tela
Rutilam astros e palpita o mar,
Abrem-se os seios da magnolia bella,
Fecham-se as palmas do gentil palmar !

E' bella a noite : tem a brisa — afagos,
Verdura — os prados, os jardins — festões ;
Brando, amoroso latejar os lagos,
As brancas fadas do luar — canções !

Estruge ao longe a cachoeira enorme,
Vem sobre as penhas em cachão ferver !
Emquanto a terra embalsamada dorme,
Eu vou saudoso ao bandolim gemer !

E vejo sempre a pensativa imagem
Da linda filha dos sonhares meus,
Dormida ou quieta na gentil folhagem,
O corpo em terra, o pensamento em Deus !

Scisma — e não sente na dourada trança
Passar gemendo o merencório sul ;
Ri-se — blandicias d'infantil creança,
Chora — é a lua no celeste azul !

Dorme — n um berço de verdura e flores
A nivea garça dos vergeis do céu !...
Jesus ! eu vejo-a a palpitar d'amores
E sempre envolta do pudor no véo !

Huri tão pura — d'um gentil serralho
Dorme indolente nos rosaes em flor !
Solta a madeixa — tem no labio o orvalho,
No seio as ondas de innocente amor !

Eu vejo-a sempre ! na saudosa calma
Rapida some-se a gentil visão !
Minh'alma busca conhecer su'alma,
Buscam meus labios só beijar-lhe a mão !

1877.

Oração da manhã

A madrugada acorda
E tenue luz desata,
D'aroma o val trasborda,
Referve a cataracta...

Lá, da lagôa á borda
A rosa se retrata...
Que musica na mata!
A madrugada acorda!

E a virgem no seu leito,
Meu Deus! já despertando
Dos seus sonhos d'amor,

Levanta-se e no peito —
Postas as mãos — resando,
Saúda-te — Senhor!

Pensativa

Agora que a noite estende
Alvo lençol de luar —
E a bafagem que rescende
Nos jardins perfuma o ar :

E que a musica nocturna
Acalenta a natureza,
Scisma a virgem taciturna
Tão cheia de morbidez !

N'uma noite assim eu vi-a,
Mas onde vi-a, não sei !
Na mente a febre eu sentia
Das illusões que matei !

Eu vi as faces tão puras
D'essa languida poetisa,
E as suas tranças escuras
Bafejadas pela brisa !

Scismava, e na fronte altiva
Da americana gentil —
Havia a imagem bem viva
D'um sonho aereo e febril !

Se o palpitar do seu seio
Mostrava interna procella,
Ao labio um sorrir lhe veio
Como o sorrir d'uma estrella !

Creança ! chorava, entanto,
Scismando, meu Deus, em que ? !
Porque nadavam em pranto
Seus negros olhos — porque ? !

Eu vi-a em noite qual esta !...
N'aquelle mesmo logar,
Quem sabe o pranto inda cresta
Seu rosto em febre a scismar ? !

O que é, Jesus, que eu sentia,
Quando em tal noite a encontrei ? !...
Eu bem me lembro que vi-a,
Mas onde vi-a, nem sei !...

Rio — 1877.



Souvenir

Estrella, que eu procuro,
E vejo alem banhada
Nos fogos d'alvorada,
No sol do meu futuro !

Nuvem d'amor doirada
Do céo no fundo escuro...
Rosa d'aroma puro,,
Sonho, utopia, fada...

Se tudo desaparece,
Se não é nada eterno,
Comtudo, triste flor,

Ninguem, ninguem se esquece
Do santo amor materno,
E do primeiro amor !

Cantico

Acorda ! O orvalho escorrega
Do gravatá pelas folhas,
Quebra a torrente nas pedras
E salta desfeita em bolhas.

Acorda ! Ao longe rebenta
Rouco marulho nas fragoas,
O tronco de uma palmeira
Rolando vae sobre as agoas ;

São inda os tristes efeitos
Da forte procella d'hontem ;
O estrago, que houve nos bosques
Os passarinhos que o contem.

Beija a onda carinhosa
As conchas ruivas da margem,
Das flores o pollen d'ouro
Os ventos frescos espargem.

O mar brame, o sol flammeja !
Um tem — a voz, outro — o olhar ;
A voz do mar — ensurdece,
O olhar do sol — faz cegar.

Acorda ! O dia é risonho,
Meu peito d'amor trasborda !
Acorda ! Tudo é festejo,
E canto e perfume... Acorda !

O Trovador

No mundo os rumores cessam,
No campo adormece a flor ;
Só no céo desperta a lua,
Só na terra o trovador !

Depois que o mundo calou-se,
Depois que a lua surgiu,
Leve canôa resvala
Por sobre as agoas d'um rio.

E dentro virgem formosa,
Immersa em doce languor,
Encosta a loura cabeça
No seio do trovador !

Da moça as louras madeixas
São azas de cherubim,
Que o triste beija amoroso
Cantando no bandolim :

« Calae-vos limpidas agoas
Não desperteis meu amor !
Meu amor dorme tranquilla,
Mas vigia o trovador !

« Canôa — corta essas ondas
Scintillantes ao luar —
Não se precisa do remo
Sem remo as pódes cortar.

« E tu virgem, dorme quieta,
Que no prado dorme a flor !
Suspira, sonha, palpita...
Nos braços do trovador !

« Os suspiros do teu peito
Morrem no meu coração,
Qual no collo das palmeiras
Morre a brisa no sertão !

« Teus sonhos são puros, puros,
Como é puro o meu amor ;
D'amor palpita o teu seio
No seio do trovador !

« E's mais doce do que as flores ;
E's mais anjo que mulher ;
Mais formosa do que as nuvens
De uma aurora rosicler.

« Teus olhos meigos inunda
Ceruleo, doce fulgor,
Que accende, se a dor apaga,
O fogo do trovador !

« Um dia, um dia, entre angustias,
Para mim vi-te sorrir !...
Achei no mar da pobreza
Uma perola d'Ophir !

« Os sonhos da juventude
Nasceram com teu amor ;
Essa lua é testemunha
Dos sonhos do trovador !

« Ainda agora estou morto...
N'esta noite nupcial,
Beberão vida os meus labios
Nos teus labios de coral !...

Depois... ligeira a canôa
Começa a andar ao redor,
Vendo o abysmo, de assustado
Perde o remo o trovador !

Desperta livida a virgem,
Pende o rosto de marfim,
Seu amante empallidece,
Emmudece o bandolim !

Abraçam-se ambos... o abysmo
Fal-os victimas do amor ;
Recebe o céu mais dois astros,
A virgem e o trovador !

Maio — 1877.



Magoas

Na hora em que as clicias que nascem nos valles
Entornam do calix as gotas do orvalho ;
E quando o bafejo da placida aragem
Meneia a folhagem da beira do atalho ;

Na hora em que surge do mar no oriente
O sol refulgente nas vagas revôltas,
E quando nas agoas da quieta lagôa
Deslisa a canôa co'as velas ás sóltas ;

Na hora em que vagam roceiras donzellas
No prado capellas tecendo de rosas,
E as nuvens trazidas nas azas do vento
No azul firmamento se espriam formosas ;

E as flores cheirosas alastram a relva,
E a rôla na selva desperta arrulando,
E, como vapores, mil hymnos sagrados
Das veigas, dos prados, se vão levantando ;

N'ess'hora eu tristonho, nas scismas perdido,
Passeio envolvido das magoas no manto ;
Nem lagrimas tenho da dor como effeito,
Recusa-me o peito consolo no pranto.

E vou pensativo, com tristes suspiros,
Nos ermos retiros carpir essas magoas ;
São ellas mysterios — bem como os segredos.
Que aos duros rochedos murmuram as agoas !...

Desejos

Quero habitar contigo aquella casa,
Que alem no morro a branquejar se vê,
Onde de tarde um bando de andorinhas
Pousa na cobertura de sapê.

Ha na frente um jardim ; e pela cerca
A madre-silva enlaça-se a tremer —
E ao longe, ao longe vê-se o sol nas agoas
Da lagôa purpurea se esconder —

Como boccas de moças, que bocejam
Rubras, maduras abrem-se as romãs :
Passam cantando embaixo pela estrada
As lavadeiras, todas as manhãs.

E todas as manhãs iremos juntos
Os araçás e as flores apanhar —
Comprarei de proposito por isso
Um cestinho de que has de bem gostar.

Fumando o meu charuto irei de tarde
Sentar-me ao patamar junto de ti ;
Tenho a contar-te interessantes cousas,
Mas guardo todas p'ra contar-te ali...

Tasso e Leonor !... Conheces certamente
Esta sentida historia, meu amor ?...
Mais ditosos porém, n'essa existencia
Eu serei Tasso e tu serás Leonor !

Perto de ti, perpetuamente os risos
Nos meus labios de novo poisarão —
Meus cantos hão de acalantar-te á noite
Da lua cheia ao languido clarão.

Meu Deus! De nossas almas no colloquio
Chuva de graça e bençãos derramae —
Como a granel na viride alcatifa,
Chuva de flores de laranja cáe.

Amo-te muito — e ali naquelle abrigo
Ninguem virá nos perturbar, ninguem!
— Quero habitar contigo essa casinha,
Que a branquejar no morro vê-se alem.

Serás a minha eterna companheira —
E tão felizes nós seremos lá,
Longe de todos, juntos, esquecidos,
Que todo o mundo nos invejará.

1877.

Olhos azues

Teus olhos são dois desejos
Da mais alta aspiração ;
Mostram, que tens sentimento,
Dizem, que tens coração.
São as estrellas da noite
Punhado de olhos azues,
Que Deus formou, similhantès
Aos olhos que tu possues.

São philtros d'amor. Teus olhos
Tão magico brilho têm !
Quando sorriem teus labios,
Elles sorriem tambem —
Mesmo em languído abandono,
Nos momentos de amargor,
Brilham molhados de pranto
Em relampagos de amor !

Meu peito é lago : no fundo
Mil perolas a fulgir,
A' flor d'agoa a luz da vida
Vem pura se reflectir ;
E nas ondas de meu peito
Reflecte-se o teu olhar,
Qual se reflecte uma estrella
Nas ondas verdes do mar.

Olhos azues pensativos,
Olhos, que a scisma destráe,
Sois dois morbidos poetas,
Tristes poetas scismae !
E jamais nuble as lagrimas
O vosso brilho sequer !...
Mulher ! teus olhos divinos
Mudam-te em anjo — mulher !

Parece, que são formados
De dois átomos do céo —
Que mundo d'amor e graças
E luz ali se escondeu !
Criança ! Eu gosto dos olhos
Da côr dos que tu possues —
E só Deus sabe o que soffro
Por esses olhos azues !

1877.

Rosa do prado

Eu amo a rosa do prado
— Astro da varzea esquecido —
Mirando o rosto magoado
No espelho d'agoa polido.

Deus que inunda de fulgores
O triste olhar das estrellas,
E nunca negou amores
Aos corações das donzellas ;

Tambem de orvalho celeste
Banha essa mesquinha flor,
Como de benções reveste
A fronte do peccador !

Mas como os homens na terra
Deseguaes as flores são ;
Qualquer flor perfume encerra
E a rosa do prado, não !

A abelha pelo vallado
Passa ás vezes descuidosa,
Despresa a rosa do prado
E vae beijar outra rosa.

A rosa do prado é triste
Triste na sua belleza,
E a minh'alma não resiste
A dor d'aquella tristeza !

Não sei o que acho de doce
Na tristeza d'essa flor,
Que se ella animada fosse
Eu diria que era amor

Pende-lhe o calix, parece,
Que intima scisma a distrae,
N'esta scisma em que fallece
Folha por folha lhe cae !

Lembra-me testa de moça,
Que o triste archanjo da magoa
Co'as azas frigidias roça
Rasando-lhe os olhos d'agoa !

Ai — triste flor, sem ventura !...
Quem sabe o que ella será ? !
Talvez morta creatura,
Que em flor transformada está.

Talvez virgem fenecida
D'amor victima infeliz !
Talvez uma alma esquecida,
Que a fortuna amar não quiz !

Vive no prado sosinha
E morre sem ter amor...
Parece-se a vida minha
Co'a vida daquella flor.

A Noite do Noivado

Tout est lumière, tout est joie !

(VICTOR HUGO.)

Que noite ! a brisa, amor, bafeja-te na espalda
Essa madeixa loura !

Suspiras sacudindo a candida grinalda,
Que virgindade doutra !

Não vês ? a lua cheia espanca, virgem pura,
Com raios a vidraça !

Não ouves lá por fóra as fallas, que murmura
O vento que esvoaça ?

Não sentes ? quanto aroma expande-se nos ares
Do laranjal, das flores !...

Que noite ! Que poesia ! e que febris sonhares
De mysticos amores !

Desfalleces ! tens medo... Oh ! pallida creança
Deslumbra-te o teu fado !

Teo coração palpita e vês tua esperança..
A noite do Noivado !

Rio — 1877.

Ave-Maria

Hour of love, of prayers !

Que sons que o echo traz ! dulcissima harmonia
Na soidão vem morrer !
No seio a me infundir doce melancolia
Se apossa do meu ser !

E a muza da saudade, essa visão de amores,
Vem terna me enlaçar !
A terra hymnos exhala e morno aroma as flores...
E bate ao longe o mar !

Da noite cobre o véo da velha ermida a torre
No valle solitario,
E enquanto a luz desmaia o som plangente corre
Do humilde campanario !

Em magico scismar minh'alma nada em goso,
Os olhos ergo aos céos !
O pranto se desata e saúdo piedoso
A Virgem Mãe de Deus !

1876.

Humorística

Não te lembras do moço que, outro dia
Passeiando na rua te mostrei ?
Que bonito rapaz ! disseste Armia —
(Cousa de que eu, confesso, não gostei.)

Collarinhos erguidos, flor no peito,
Botões d'ouro, botinas de verniz...
Andava sempre á moda, e com effeito
Parece que era rico e era feliz...

Pois no entanto hoje o vi : está mudado,
Cadaverico, livido, sem cor...
Eu tive pena d'elle : este coitado
Ama e foi infeliz no seu amor !

Morre d'isso talvez ! Essas mulheres
Involuntariamente, sem pensar,
Matam... Amor — vê lá também se queres,
Com teu despreso um dia me matar ?!

Noites de vigilia

As noites de vigilia

Fundo sigillo imprimem-me na face !
São tristes noites quando, da familia
E de tudo o que se ama longe está-se !

Eu penso *n'ella* e me estremece o peito...

Ai — se eu pudesse vel-a !
Talvez fite, como eu, lá de seu leito,
Atravez da vidraça alguma estrella !

Dezeseis annos hoje tem ; que idade
D'amor, de sonho, flores e chimera !...

Doura-lhe a virgindade
Sua decima sexta primavera !

Nas noites de vigilia me calcina
Intensa febre — e eu penso na familia,
E penso em ti — oh ! candida menina
Nas noites de vigilia !

1877.

Noite de inverno

Hoje eu não saio ! a procella
Tem gargalhadas sombrias !
Perdôa-me, oh ! minha bella ;
Constipam-me as ventanias.

Donzella — que noites frias !
Que dias frios — donzella !
Donzella — ha mais de tres dias,
Que eu não te vejo á janella !

Pensa em mim, como em ti penso,
Do teu quarto no retiro,
Vae fazendo o teu *crochet*,

Que eu, com este frio immenso,
Ao fogo do amor prefiro
O fogo da chaminé !

Infancia

Estação bella ! Innocente,
 Que ambiente
N'essa quadra has de fruir !
Como eu vejo o Paraiso
 No sorriso,
Que vem teus labios abrir !

Sorri sempre, a brisa é meiga,
 Doce — a veiga, —
Na tua infancia feliz !
O céo é sempre azulado
 Recamado
De nuvens d'aureo matiz !

Canta e sorri ! d'essa infancia,
 Que distancia
Para o futuro inda tens !
N'essa alvorada esplendente
 Vae ridente
O seio encher de cecens !

Louro infante ! Vês o lago,
 Que em afago
Frescas auras vêm frizar ! . . .
Tambem namoradas queixas,
 Nas madeixas
Vem-te o favonio contar !

És tão feliz ! bebe olores
Aos fulgores
Da estrella, que te conduz !
Fulge o astro da innocencia
Na eminencia
D'um céo de fragrancia e luz !

És tão feliz ! vae sorrindo,
Que fugindo
Vae essa doce estação !
Fita o céo cor de esperanza...
N'essa trança
Brinca ainda a viração !

1877.



Lusco-Fusco

E' tarde ! o sol se esconde flammejante
No saudoso horisonte...
Não vês, Elisa, as nevoas do crepusculo
Nas orlas do alto monte ? !

A noite se avizinha taciturna...
Da cachoeira apenas
A fria quéda se ouve.

Pendem flaccidas
As rosas e açucenas —
E a tua casta fronte scismadora
Oh ! candida deidade !
E não crês na poesia, nos amores,
No silencio, na scisma e na saudade ? !

1877.

Despedida

Tu vaes ! Que nuvem reveste
Teus olhos d'azul celeste
D'onde em fio o pranto cáe !
São justas as tuas queixas,
Não só porque o berço deixas,
Mas porque deixas teu pae !

Dissipas tantos anhelos,
Tantos aereos castellos,
Que elle só por ti constróe !
E arrependida no entanto
Tu choras, nadas em pranto,
Pranto que muito lhe dóe !

— Perla cahida do engaste —
Deixas o berço onde amaste
Candidos sonhos sonhar,
Candidos como os arminhos
Como a pennugem dos ninhos
Como as espumas do mar...

E vaes viver na orphandade
Sem orphã seres, na idade,
Na idade d'alma illusão,
Na idade grande em que a gente,
Começa a sonhar e sente
Que tem tambem coração !

Ri-te o mundo falso, como
A rosea casca de um pomo
De polpa e sabor lethal,
Veia, que brilha fugace,
Crystallina, pela face
Dubia de algum tremedal.

Vae ! Mas a casa deserta,
E a mesma veiga coberta
Das florescencias de Abril,
E mobil a mesma brisa,
Que palpita e que deslisa
Nas ramas do taquaril,

E os mesmos pobres logares,
Que deixas, quando voltares
De lá, por certo acharás,
A mesma agreste alegria,
Tudo o mesmo... e todavia
A mesma tu não serás !

Choras — teu pae tambem chora,
Poupa-lhe aos olhos agora
Em fio o pranto que cae :
Não sei quem mór dor partilha,
Se é o pae, que chora a filha,
Se a filha, que chora o pae !

1877.

Sempre eu !

Ha alguém, que te segue e em te seguir não cansa,
Aos teus olhos occulto, e amando-te, creança,
Vê um rastro celeste em cada passo teu —
E esse alguém que delira, e vive só de amar-te
Esse alguém, que, febril; segue-te á toda parte,
Desculpa-me, sou eu !

Um dia no sofá dormias indolente,
E outro labio roçou e labio teu dormente
De leve... e lacteo e nú teu seio estremeceu !
Sem corar, acordaste ao toque ardente e terno,
Suppões, que foi, talvez, um osculo materno...
Enganas-te, fui eu !

E quando inda mais tarde, em dias bem distantes,
Tremem de prazer teus olhos scintillantes
De noiva sob o alvor do immaculado véo,
E um moço te disser depois na alcova : eu posso
Beijar-te, és minha só, eu amo-te !... Esse moço
Quem sabe, serei eu !

Adeus !

(A FRANCISCO PESSANHA)

Amigo, adeus ! contigo, embora, estar deseje
Um dia mais sequer,
Não posso, que me impelle essa lei, que nos rege
E se chama — o dever ! —

Adeus ! perdida a náó dos pelagos no seio,
Nas azas do Aquilão,
Quem d'ella affirmará, se ao porto d'onde veio
Ha de voltar ou não ?...

Porém... perto de mim, virgem de loira trança,
Vem, leda, se assentar,
E diz-me n'um sorrir, que chama-se — Esperança
E que eu hei de voltar !

D'essa virgem gentil, povoam-se co'a imagem
Os teus sonhos e os meus...
Adeus ! Se ella me anima, após esta viagem
Hei de voltar... adeus !

1878.

Tumulo á beira-mar

Flores, que abris o rubro e pudoroso calice
A' doce inundação dos matinaes fulgores ;
Flores, deixae, deixae, que o vosso aroma exhale-se,
Enlaçae-vos e ornae o seu sepulchro, flores !

Igneo, flammante sol, manso ribeiro lépido,
Astros de frouxa luz, magneticos luares,
Vento, na aurora frio e ao meio dia tépido,
Borboletas azues, que vos libraes nos ares,

Oh ! aligero bando, alto, argentino, mélico,
Perfumes, sons, poesia... ali ella repousa !
O tumulo gentil d'aquelle corpo angelico
E' simples e não tem lettras sequer na lousa !

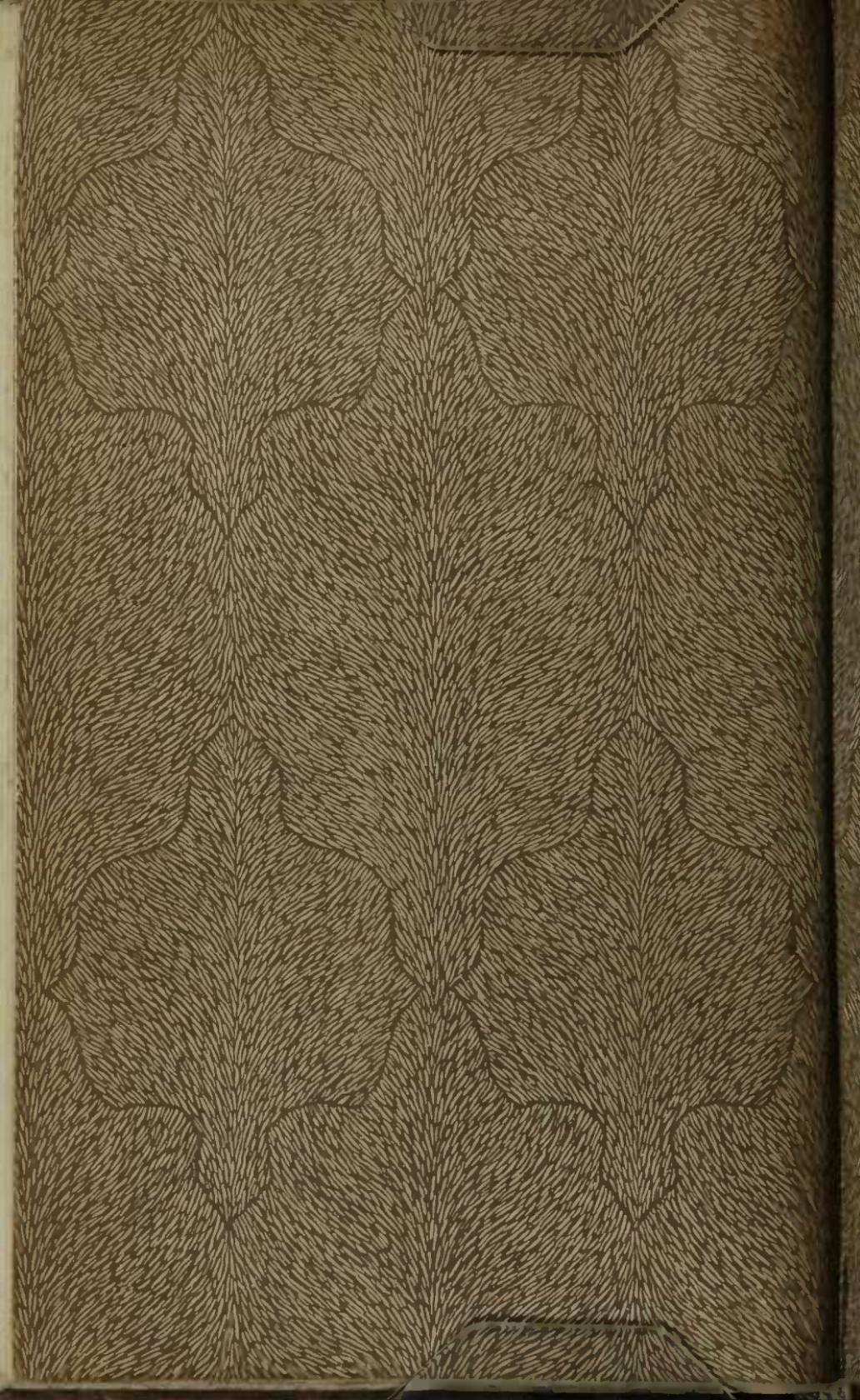
Oh ! natureza ! ostenta o esplendido espectaculo,
Que sóes sempre ostentar ás gallas matutinas !
E embala-o, como outr'ora o santo tabernaculo
Embalava-se aos sons das citharas divinas.

Sua existencia foi, como a das flores, rápida,
E, aves, ella expirou, como expiraes, oh ! aves !
E amou !... aves cantae ! de sob a fria lapida
Talvez que ella vos ouça as musicas suaves.

Oh ! ondas, que abraçaes seu tumulo ! Ondas cerulas,
Que do fundo sahis d'esse oceano bello —
Trazei para offertar-lhe, um turbilhão de perolas
Cobri-lhe de coraes o tumulo singello !

Ella repousa ali ! Ali soluça o Atlantico
E eu soluço tambem no seu final jazigo —
Fulge sol ! cahe orvalho ! aves erguei-lhe um cantico !
Ou antes : todos vós vinde chorar commigo !









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).